

#10 | JUNHO | 2010

BETAR & ARTES LETRAS



Festas de Lisboa

Junho é o mês em que a cidade sai à rua para celebrar a vida



BI
BETAR

Um guia cultural para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

O número 10 da Artes&Letras apresenta excelentes propostas para receber o Verão.

No cinema, a escolha de José Mendonça recaiu em duas estreias bem diferentes: uma produção luso-francesa e um filme de um realizador israelita.

Na música, destaque para as Festas de Lisboa. No mês dos santos populares, a capital pinta-se de várias cores e oferece os tradicionais arraiais populares. Bem diferente é o Festival de Sintra, onde há lugar para a música erudita.

Como é hábito, temos as sugestões de António Cabral na música clássica e dois livros: *A Arte de Morrer Longe*, de Mário de Carvalho e *O Apogeu de Miss Jean Brodie*, de Muriel Spark.

Quanto a exposições, fique a saber que, em Lisboa, pode apreciar a obra do português Nadir Afonso ou os graffitis d' Os Gémeos brasileiros. Fora de Portugal, deixe-se contagiar pelas peças de Picasso ou Turner ou por uma mostra sobre a identidade da mulher americana.

Mas, se prefere teatro, propomos uma peça de Pedro Mexia, a partir de um texto de Tom Stoppard, e uma outra encenada por João Mota, baseada numa obra de Eugène Ionesco.

Neste número há igualmente lugar para as sugestões de Maria João Duarte na cidade do Porto, de onde se destacam as Festas de São João. E, na secção de opinião, surgem mais duas hipóteses a considerar para os momentos de lazer: Nuno Ribeiro apresenta-nos o filme *Um Toque de Canela* e Raquel Magalhães fala-nos do livro *O Fio do Horizonte*.

JOSÉ PEDRO VENÂNCIO

EDITORIAL

Este mês, além do clássico de 1953, *As férias do Sr. Hulot*, de Jacques Tati, José Mendonça apresenta-nos dois filmes diferentes, quer na apreciação dos críticos, quer na sua própria apreciação.

NO GRANDE ECRÃ

A Religiosa Portuguesa

Uma produção luso-francesa



Título original: A Religiosa Portuguesa
De: Eugéne Green
Com: Ana Moreira, Beatriz Batarda, Diogo Dória
Género: Drama
Classificação: M/12
Portugal e França, 2009, 127min

Esta é a história de Julie Hauranne, uma jovem atriz francesa que fala português, a língua de sua mãe, mas que nunca esteve em Lisboa. Julie chega pela primeira vez a esta cidade, onde vai rodar um filme, e deixa-se fascinar por uma freira que vai rezar, todas as noites, para a capela da Nossa Senhora do Monte, na colina da Graça. Ao mesmo tempo, fica cativada por uma criança de 6 anos que resolve levar de férias para Paris e depois propôr a sua adopção. Um filme que, apesar da apreciação crítica não ter sido a melhor, fascina-nos pelas maravilhosas imagens de Lisboa. A cidade aparece deslumbrante, em magníficos planos. Basicamente esta é uma obra de um cineasta experimental que se apaixonou por uma cidade. Eugéne Green faz uma declaração de amor a Lisboa, como se fosse a mulher da sua vida. Destaque também para a voz de Camané e Aldina Duarte e pela delicadeza das personagens nas relações entre si.

Líbano

A realidade do realizador



Título original: Lebanon
De: Samuel Maoz
Com: Reymond Amsalem, Ashraf Barhom, Oshri Cohen, Yoav Donat
Género: Drama
Classificação: M/16
Israel, Alemanha e França 2009, 97min

Junho, 1982 - Primeira Guerra do Líbano. Um único tanque é destacado para explorar uma cidade hostil que foi bombardeada pela Força Aérea de Israel. O que parece uma missão simples fica progressivamente fora de controlo e transforma-se num terrível pesadelo. Neste filme, vamos passar o tempo todo dentro deste tanque de guerra. Os soldados são simples homens com medo. São quatro rapazes com pouco mais de 20 anos que controlam uma máquina de matar. Foram atirados para as teias de uma guerra absurda e injusta e lutam pela própria vida, tentando não perder a humanidade no caos do conflito. O tanque acaba sozinho no meio de um campo de girassóis... uma imagem linda que contrasta com todas as outras. O realizador Samuel Maoz era ainda um jovem quando foi enviado para os combates no Líbano. Acabado o conflito, Maoz decidiu escrever o argumento de um filme. Levou 25 anos a completar esta história.



As férias do Sr. Hulot

Jacques Tati, através da sua segunda longa-metragem enquanto realizador, não só criou um dos clássicos intemporais do cinema francês, como também provou ser um dos estilistas mais inovadores e originais da sétima arte. O seu filme, quase destituído de enredo e diálogo, descreve uma sucessão de incidentes que têm lugar numa estância balnear, e utiliza os detalhes, à primeira vista, mais banais do quotidiano para provocar o riso no espectador. Ao lado de seqüências encenadas com minúcia, encontramos momentos encantadores e divertidos onde praticamente nada acontece. As pessoas limitam-se a estar ali a aproveitar cada momento das suas férias. A tolice estóica patente nestas imagens não poderia ser mais contagiante. Assim como Hitchcock, Tati sabia que a mise-en-scène não é algo a impôr pelos cineastas, antes deve ser descoberta nos rituais do dia-a-dia. E foi neles que o realizador gaulês

encontrou inspiração para esta comédia. Em *As férias do Sr. Hulot*, Tati exerce um controlo rigoroso sobre o timing do humor, a encenação do espaço e a sincronização sonora. Até mesmo o ruído de uma porta, repetido vezes sem conta, se torna risível graças à forma como é musicado por Tati. Muito embora nas suas películas subsequentes o cineasta tenha reduzido a sua presença no grande ecrã, neste filme a figura desajeitada e deselegante do herói é fonte de inesgotável encanto e humor. Hulot, mesmo sem querer, traz consigo todo o tipo de calamidades. E tudo culmina com uma exibição de fogo de artifício, a mais inspirada que o cinema alguma vez viu.

Título original: Les vacances de M. Hulot
De: Jacques Tati
Com: Jacques Tati, Nathalie Pascaud, Michèle Rolla, Raymond Carl, Lucien Frégis, Valentine Camax
Género: Comédia
Classificação: M/12
França, 1953

Os meses de Verão são períodos de grande produção cultural: o clima e a disponibilidade para a festa assim o propiciam. Este mês há Festas de Lisboa e o Festival de Sintra.

Festas de Lisboa

Durante todo o mês, por toda a cidade

MÚSICA/TEATRO

Os Arraiais Populares dispensam apresentações. Não faltam sardinhas assadas, caldo verde, pão com chouriço, manjeriços, vinho tinto, música e animação, nas freguesias mais típicas de Lisboa.

Mais calma é a Festa do Fado (3 a 27) que pretende levar o fado a um público menos habituado a estas lides e rasgar horizontes ao público tradicional, apresentando projectos alternativos. Há concertos no Castelo de São Jorge, no Museu do Fado, no Chapitô, na Fábrica do Braço de Prata, na Igreja de Santo Estêvão e no eléctrico 28, que faz deslizar o fado do Martim Moniz aos Prazeres. Já nos ascensores a música é outra. O Jazz às onze (30 Junho e de 1 a 4 e de 7 a 11 Julho) é um projecto que transporta os acordes do Jazz nos ascensores emblemáticos da cidade. Também os comboios se juntam a estas festas. Na linha de Cascais há Art'a bordo (23 a 27) onde será apresentada a peça A Boda de Martin Joab, com encenação de Luciano Burgos.

Mas se não pode deixar de ir às compras, saiba que existe o Teatro das Compras (17 Junho a 3 Julho). 13 lojas da Baixa Lisboa recebem actores, bailarinos, cantores e músicos para contar histórias dos últimos 100 anos da vida da baixa pombalina.

Nas Festas de Lisboa há ainda Outras Cenas (16 a 20): Festival Chopin, Festival Silêncio!, peças de teatro como A dor de Marguerite Duras, no TND-MII e Domini públic de Roger Bernat, no Maria Matos. Consulte o programa completo em www.egeac.pt/

Festival de Sintra

Durante todo o mês, por todo o concelho

MÚSICA/DANÇA

Conciliar a música de qualidade com os mais belos cenários do nosso país é uma ideia brilhante. Até 4 de Julho realiza-se a 45ª Edição do Festival de Música de Sintra, um evento que se tem mantido como uma referência de bom gosto e originalidade na divulgação da música erudita em Portugal. No dia 6 de Junho pode assistir a um concerto de piano de Nelson Goerner, na Quinta da Piedade, no dia 12 Carla Seixas toca na Ragaleira e a 14 é a vez de Grigory Sokolov no C.C. Olga Cadaval. João Bettencourt da Câmara dará um concerto na Cada dos Penedos (20), Alexandre Tharaud no Palácio Nacional de Sintra (23) e Abdel Rahman el Bacha (26) e Jean-Marc Luisada (30) no Palácio Nacional de Queluz. No dia 16 há um concerto de world music na Adega de Colares e a 18 há um espectáculo da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo no C.C. Olga Cadaval. No mesmo local apresenta-se a Companhia de dança de São Paulo (25) e tocam Victor Gama (26) e os Violinhos (27).



Concertos de Junho por António Cabral

CENTRO CULTURAL DE BELEM

Depois dos muitos Concertos dos “Dias da Música” em Maio, o CCB apresenta em Junho mais de uma dezena de Concertos de muito boa qualidade. Deles daremos apenas muito breves notas.

2 às 21 horas e 3 às 17 horas

Orquestra Metropolitana; Orquestra Utópica; Maestro Cesário Costa
“Stravinsky!”, composição de Luís Tinoco (n.1969)
 A **“Sagração da Primavera”** de Igor Stravinsky (1882/1971), coreografada por Olga Roriz

5 às 21 horas

“Cenas do Fausto” (de Goethe) de Robert Schumann (1810/1856), com Solistas, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Coro do Teatro de São Carlos e Dir. Ira Levin.

10 às 21 horas

Concerto Comemorativo do 18 Anos da Orquestra Metropolitana. Direcção de Joana Carneiro.

12 às 19 horas

Recital de Piano de Sequeira e Costa. O discípulo de Vianna da Mota, que por sua vez foi discípulo de Liszt. O Decano dos pianistas portugueses.

17 às 21 horas; 18 às 21 horas; 19 às 18,30 horas; 20 às 18,30 horas e às 21 horas

Ciclo de Bach a Kurtag.

De J.S.Bach a “Oferenda Musical”; Obras para Piano, para Orquestra, para Canto e Orquestra de Gyorgy Kurtag; Obras de Arcangelo Corelli e Francisco António de Almeida; O Concerto para Violoncelo de Ligeti. Música em diálogo de épocas muito afastadas.

Kurtag (n. 1926) e Ligeti (1923/2006) nasceram na Transilvânia (Roménia) mas estudaram na Hungria a cuja Cultura pertencem. Exilaram-se no Ocidente Ligeti (1956), Kurtag (1957). Marcam a Cultura Musical do nosso tempo.

22 às 19 horas

Composições de Luis Costa (1879/1960) e Robert Schumann por Alexandre Delgado (violeta)

e Bruno Belthoise (piano)

26 às 21 horas

Música para uma noite de Verão: Mozart, Bela Bartok (1881/1945) e George Crumb (n. 1929) pelo Schostakovitch Ensemble. A não perder a “Sonata para dois pianos e percussão” de Bartok, peça indispensável na História da Música do Sec. XX.

TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

19, 21, 23 e 29 às 20 horas; 19 e 27 às 16 horas

Eugene Onegin (1979) Ópera de P. I. Tchaikovsky

Uma das óperas mais célebres do Repertório Romântico

Tchaikovsky é o único compositor russo do século XIX que, sublinhando ele próprio as suas origens nacionais, se inseriu e destacou como compositor determinante na história da música europeia devido à sua importância na elaboração da técnica composicional clássico-romântica.

As suas Óperas, apesar dessa inserção na cultura ocidental, não deixam de ser profundamente russas. Delas se destacam as duas Obras-Primas - “Eugénio Onegin” (1877) e “A Dama de Espadas (1890) - ambas sobre textos de Pushkine, que fazem hoje parte do repertório internacional. A música é de nobre melancolia, reunindo da melhor maneira elementos italianos e franceses e russos (de origem recentemente urbana, mas também camponesa, tanto de proveniência russa, como ucraniana e cigana).

NOTA: A. S. Pushkine, talvez o maior poeta russo, nasceu em Moscovo em 1799 e morreu em S. Petersburgo em 1837. A partir de Poemas e Novelas de sua autoria, foram compostas as seguintes Óperas: Rousslan et Loudmila (Glinka), Boris Godounov (Moussorgsky), Eugénio Onegin (Tchaikovsky), A Dama de Espadas (Tchaikovsky), O Galo de Ouro (Rimsky Korsakov). Todas elas Obras-Primas da Cultura Russa, da Cultura mundial.



ARTES

Este mês apresentamos duas exposições de cariz ‘alternativo’. A singularidade de Nadir Afonso estará patente no Museu do Chiado e ‘Os Gémeos’ trazem ao CCB o melhor do graffiti.

Nadir Afonso – Sem Limites

De 22 de Junho a 3 de Outubro no Museu do Chiado

Autor de uma obra singular, estruturada no contexto artístico internacional com consistente pioneirismo, Nadir Afonso apresenta-se como um dos artistas de maior relevo da arte portuguesa do século XX. No ano em que concretizou os seus 90 anos, a presente exposição aborda a primeira metade do seu percurso artístico, desenvolvido entre 1930 e 1960. Um caminho de aprendizagem pessoal e de evolução empírica, conquistado em paralelo com a formação académica e a acção profissional em arquitectura. Esta mostra dá a conhecer a surpreendente contemporaneidade da sua obra e a ruptura conquistada pelo abstraccionismo geométrico. Pela primeira vez reúnem-se cerca de uma centena de obras, grande parte desconhecidas do público em geral, e um conjunto alargado de estudos e documentação que permitem analisar e compreender melhor o processo de criação do artista.



Pra Quem Mora Lá o Céu É Lá – Os Gémeos

Até 18 de Setembro no Museu Coleção Berardo

Pela primeira vez um museu em Portugal recebe uma exposição de artistas de graffiti. Os irmãos brasileiros Gustavo e Otávio Pandolfo, conhecidos como Os gémeos, começaram a grafitar no final dos anos 80, no bairro onde nasceram; criaram verdadeiras obras de arte nas ruas de São Paulo, Berlim, Londres ou Nova Iorque; tiveram um convite especial da Nike e agora são disputados por galerias e museus de todo o mundo. A exposição *Pra Quem Mora Lá o Céu É Lá*, mostra o lado mais elegante da arte de rua, que tem tentado adquirir credibilidade enquanto forma de expressão artística. A instalação apresenta algumas das obras mais mediáticas da dupla, provenientes do Brasil, EUA e Itália, e vários trabalhos inéditos, produzidos no próprio local. A obra *Os Gémeos* apresenta-nos um mundo fantástico, cheio de histórias quotidianas, um clima de romantismo que muitas vezes sobressai na desordem urbana.



TEATRO

As peças que sugerimos abaixo fazem-nos reflectir e induzem-nos várias perguntas: Qual é o sentido da vida? Vale a pena cegar de poder? E quando é que *isto* é a sério?

Agora a Sério de Tom Stoppard

Se ainda não teve oportunidade de ver a peça *Agora a Sério*, que marca a estreia do escritor Pedro Mexia como encenador, não perca as últimas apresentações no Teatro Aberto. O texto de Tom Stoppard conta a história de Henry, um dramaturgo dividido entre duas actrizes, Charlotte e Annie. O protagonista desta tragicomédia, que usa o teatro dentro do teatro e põe em causa os ideais de fidelidade, realidade e talento, é um ficcionista que tem que decidir o que é a sério... Na sinopse pode ler-se que Tom Stoppard habituou a crítica a “brilhantes farsas intelectuais”. *Agora a Sério* (*The Real Thing*, 1982), um grande sucesso na Europa e nos Estados Unidos, foi a primeira e única tentativa autobiográfica de Stoppard. Uma comédia atravessada pelo sofrimento, onde a realidade e o teatro se misturam. *Quando é que podemos dizer que «agora é a sério»?*

Teatro Aberto

Preço: €15 (mais de 65 anos - €12;

menos de 25 anos - €7,50)

Data: Até 16 de Junho

Encenação: Pedro Mexia

Interpretação: Afonso Lagarto, Ana Brandão,

Diana Costa e Silva, João Reis, Nuno Casanovas,

Pedro Lima, São José Correia



O Rei Está a Morrer de Eugène Ionesco



No assinalar dos seus 38 anos de existência, a Comuna traz à cena a peça *O Rei está a Morrer* de Eugène Ionesco, dramaturgo romeno e um dos expoentes do teatro do absurdo. A peça coloca a tónica na inutilidade do poder e na efemeridade dos bens materiais e dos direitos dos soberanos. Fala da essência da existência humana diante do golpe do destino que todo ser humano tem de enfrentar. É a história do Rei Berengário que, para além da irónica forma como se apercebe do que está a acontecer à sua volta, sente a incómoda sensação de que, realmente, nunca chegou a viver. As reacções à fatal notícia, bem como a relação que há entre o Rei e o inevitável desfecho, acompanhado somente pela consciente e assustadora ideia de que a última cena é obrigatoriamente mortal, compõem uma comédia que mostra o quão ridículos podemos ser quando nos confrontamos com a efemeridade da vida e o inútil apego que temos às coisas materiais. Uma alucinante despedida da vida.

Comuna Teatro de Pesquisa

Preço: €5

Data: Até 27 de Junho

Encenação: João Mota

Interpretação: Carlos Paulo, Rui Neto, Ana Lúcia Palminha, Tânia Alves, Mia Farr e Alexandre Lopes

XADREZ

Pensamento profiláctico

POR LUÍS EUGÉNIO RODRIGUES

No jogo do Xadrez, qualquer vantagem para um dos lados é sempre uma desvantagem para o outro. Assim, se o nosso objectivo é realizar a ideia ou plano que nos leve à vitória ou, pelo menos, ao empate, também temos de evitar que o nosso adversário concretize o seu plano.

Assim o jogador de Xadrez tem sempre de estar atento ao jogo do adversário, interrogando-se, constantemente, o que quer ele fazer, o que está a ameaçar, se fosse eu a jogar o que jogaria no lugar dele. Esta análise é aquilo que se chama pensamento profiláctico, e a sua ausência durante o jogo conduz, inevitavelmente, à derrota.

O exemplo que hoje apresentamos ilustra bem essa falta de pensamento profiláctico do jogador que conduzia as negras, o que levou o jogador de brancas a ganhar o jogo apenas com um único lance.

Veja o leitor, neste exemplo, se descobre o lance que as brancas realizaram e que, imediatamente, leva à vitória.

PENSAMENTO PROFILÁCTICO

Poley, V. (2402) – Norberg, E. (2188)

As brancas jogam e ganham



SOLUÇÃO: O D1h6! (e as Negras ficam impotentes para defender 2.Cg5)

LIVROS

Por norma o Verão traz mais tempo livre para nos dedicarmos ao que gostamos. Para muitos, ler está entre as opções preferidas para ocupar os momentos de lazer. Eis algumas sugestões



O Apogeu de Miss Jean Brodie

Muriel Spark
Ahab, 2010

Muriel Spark, a autora da presente obra, nasceu em 1918 em Edimburgo, onde estudou e casou, tendo depois partido para o actual Zimbabué. Voltou à Grã-Bretanha, durante a II Guerra Mundial, e fez propaganda anti-nazi. Escreveu mais de vinte livros entre eles O Apogeu de Miss Jean Brodie, aos 43 anos, considerado por alguma crítica como o seu melhor romance. É a história de uma professora primária, de uma escola de Edimburgo, que reúne à sua volta a "nata da nata" das alunas, a quem dá aulas de forma pouco tradicional, preocupando-se mais em transmitir-lhes as suas ideias do que com as convenções estabelecidas. De uma forma geral, o grupo é iniciado num mundo de jogos adultos e intrigas que nunca irá esquecer. Sparks, ao reduzir Miss Brodie a uma série de máximas, obriga-nos a sentir-nos alunos dela. Brodie farta-se de falar do seu apogeu mas o leitor não o presencia, antes se instala a suspeita de que este não passa de retórica. A direcção da escola arranja um pretexto para mandar embora a professora mas acaba por ser a denúncia de uma aluna que a faz ser expulsa. Um volume surpreendente.

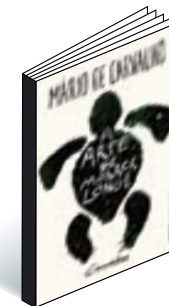
Os bons livros contemporâneos por José Mendonça



Mário de Carvalho *A Arte de Morrer Longe*

Mário de Carvalho (1944), escritor português, formou-se em direito em Lisboa e tem-se dedicado à literatura desde 1981. Um dos escritores mais premiados, que recebeu, da Associação Portuguesa de Escritores, o prémio de conto, novela e romance e, entre outros, o Pen Club e o prémio Fernando Namora. Neste A arte de morrer longe Mário de Carvalho mostra a sua veia de contador de histórias (breves) aliada à ironia cruel de uma escrita que marca o início da sua obra.

É a história de um jovem casal desavindo, morador no Lumiar, convencido, por esses dias, que a sua "comunhão de vida estava a dar as últimas". Chamavam-se Arnaldo e Bárbara, andavam pelos 30 anos e eram empregados de escritório. O livro aborda a discussão da sua separação, do lugar que cada um iria ocupar – sofá e cama em dias alternados – até à separação das bujigangas, de pouco valor, mas que iriam dar lugar a desavenças. A mãe de Arnaldo, professora de música e de uma classe superior à de Bárbara, não ajuda nada, antes pelo contrário. Por dividir fica uma tartaruga num aquário que nenhum estima muito. Mais de metade do livro trata de tentativas falhadas para se verem livres da tartaruga que nenhum quer, sempre com a ironia fina de Mário de Carvalho. Por fim, vão à casa de campo da mãe de Arnaldo para se encontrarem com um construtor que acaba por não aparecer. Lá deixam o aquário cuja tartaruga não escapa à percepção aguçada de uma coruja-das-torres. Uma boa obra literária.



A Arte de Morrer Longe

Mário de Carvalho
Caminho, 2010

No mês em que se celebra Portugal não podemos esquecer-nos de abrir horizontes. Se se proporcionar, visite uma das exposições internacionais que lhe damos a conhecer...



Tate Liverpool, Inglaterra

Picasso: Paz e Liberdade

De 21 de Maio a 30 de Agosto

Esta exposição reúne mais de 150 obras de Picasso, provenientes de todo o mundo, e revela uma visão única e fascinante do artista: um activista incansável, verdadeiramente político e defensor da paz, o que contradiz as opiniões generalizadas que o viam como génio criativo ou playboy compulsivo. É a primeira exposição do período pós-guerra do artista e reflecte um Picasso novo para um novo tempo: como ele transcendeu as oposições ideológicas e estéticas do Oriente e do Ocidente.

Museo del Prado, Madrid, Espanha

Turner e os Mestres

De 22 de Junho a 19 de Setembro

A partir de 22 de Junho, o Museu do Prado recebe o precursor do impressionismo, Turner, e uma mostra que já esteve patente na Tate Britain, em Londres e no Grand Palais, em Paris. A exposição *Turner e os Mestres* apresenta obras do artista britânico ao lado dos mestres europeus que o inspiraram, como Canaletto, Ticiano, Poussin, Rembrandt, Rubens, Veronese ou Watteau. Símbolo do romantismo inglês, Turner conseguiu criar uma estética limpa com base nas reflexões de luzes e nos efeitos da sombra. Esta mostra pretende que o visitante perceba o quão original ele foi.



Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, EUA

Mulher americana: A formação de uma identidade nacional

Até 15 de Agosto

American Woman: Fashioning a National Identity pretende explorar o desenvolvimento da percepção da mulher moderna americana (1890-1940). O que torna a exposição imperdível é a forma como narra as mudanças pelas quais as mulheres passaram nos EUA - uma revolução de estilo que se transformou na emancipação social, política e sexual. Nesta mostra podemos encontrar os primeiros vestidos usados sem espartilho; as roupas usadas enquanto lutavam pelo direito ao voto e os vestidos das actrizes de Hollywood, referências de elegância e *glamour*.

Junho é mês de festas no Porto: 40 horas non-stop em Serralves e, claro, o famoso São João. E tudo gratuito! Eis as sugestões de Maria João Duarte.

Serralves em festa

40 Horas non-stop com dezenas de actividades nas áreas da música, dança, performance, teatro, circo, vídeo, fotografia e muito mais (5 e 6 das 8h de sáb às 24h de dom)



A festa de São João

Com origens pagãs ligadas ao solstício do Verão, começa na noite de 23 com fogos de artifícios, sardinha assada, caldo verde, fogaças e farturas, lançamento de balões de ar quente, martelinhos e fogueiras. A 1ª alusão aos festejos data do séc. XIV por Fernão Lopes. S. João do Porto, eremita natural do Porto, (séc. IX), viveu e morreu na região de Tuy (Valença). Diz-se que a sua cabeça foi trazida pela Rainha Mafalda no séc. XII para a Igreja S. Salvador da Gandra e que parte dessa relíquia foi levada para a capela da “Sta Cabeça”, na Igreja de N.ª Sra da Consolação. Foi só em Janeiro de 1911 que o dia 24 passou a ser feriado municipal, tudo graças a um decreto republicano que redefinia os feriados e a um referendo aos portuenses promovido pelo Jornal de Notícias. Integrados nas festas: REGATA DE BARCOS RABELOS Passeio Alegre / Ponte D. Luís I (24) e na, PRAÇA EM FRENTE DA CASA DA MÚSICA, Concerto de S. João com ONP, “Trabalhadores do Comércio” e “Blind Zero” (23 às 22h).

Música variada

PAVILHÃO ROSA MOTA: Art Sullivan (5). COLISEU: Concerto Promenade (20), “AIR”, duo electro, francês (20), “SLASH” guitarrista dos Guns N’ Roses (22), “GOD SAVE THE QUEEN-Tribute to Queen” (27). CASA DA MUSICA: Deolinda (7), Rodrigo Leão (13), Música dos Alpes (20)

Teatro

AUDITÓRIO MUNICIPAL DE GAIA: “Homens em Escabeche” (até 4) COLISEU: Elena Vorobey show humorístico (9) TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO: “O Morgado de Fafe Amoroso” de C. Castelo Branco (até 13), TEATRO DO CAMPO ALEGRE: “Confissões de um carrasco na hora de ir para a cama” (até 20) TEATRO SÁ DA BANDEIRA: “Não” (23 a 27), TEATRO HELENA SÁ E COSTA: “A Europeia” (30)

Exposições: continuam os espaços a explorar

No VIVACIDADE, R. Alves Redol, “Fotografia” de Pedro Freire de Almeida, 20 ilustrações do Porto que, partindo da fotografia, dão origem a um texto concebido originalmente para o blogue “imagomundo.wordpress.com” (até 2 JUL). Na CULTURGEST PORTO – CGD Av. Aliados: Cornelius Cardew, compositor inglês de vanguarda (1936-1981) que estudou e colaborou com Stockhausen, co-fundou em 1969 a Scratch Orchestra e introduziu conceitos completamente diferentes na composição e interpretação. Exposição, palestras e concertos (18, 19, 25 e 2 JUL)

Uma vez mais, dois colaboradores partilham os seus gostos connosco. Nuno Ribeiro e Raquel Magalhães apresentam excelentes propostas para ocupar o tempo livre. Esperamos pelas suas...

Um filme da minha vida

NUNO RIBEIRO



Tassos Boulmetis

Um Toque de Canela

Não tenho um filme que seja o filme da minha vida, mas este é certamente um dos filmes que está entre os melhores que vi. Este filme conta-nos a história de um rapaz grego (Fanis) a crescer em Constatinopla. Seu avô e mentor (Vassilis) tem um dom unico que marcou fortemente a sua juventude, a relação dos aromas e sabores com os sentimentos.

Com sete anos é obrigado a voltar para a grécia devido ao conflito do entre gregos e turcos, mas o seu avô ficou na turquia. Fanis cresce e torna-se um excelente cozinheiro e um popular professor de Astrofísica. Com 40 anos Fanis fica eufórico quando recebe uma carta do avô a dizer que o vai visitar pois não o via desde que abandonou a Turquia. Essa visita torna-se um acontecimento muito especial na vida de Fanis, quando ele recebe um telefonema a anunciar que o seu avô ficara repentinamente doente. Ele parte de imediato para a sua terra natal onde embarca numa viagem muito especial, a viagem do seu passado...

Alem de tudo (em especial as belas imagens da Cidade de Instambul) este filme retrata uma das coisas que mais gosto que é a culinária, e a relação das especiarias tanto na comida como na vida. Como dizia o avô Vassilis tanto na vida como na comida precisamos de um pouco de sal e... um toque de Canela (uma das unicas especiarias que é ao mesmo tempo doce e amarga.

Já agora um conselho que aprendi no filme, juntem canela quando estiverem a cozinhar carne e vão ver como funciona muito bem.

Título original:
Politiki Kouzina
De: Tassos Boulmetis
Com: Georges Corraface, Ieroklis Michaelidis, Renia Louizidou, Stelios Mainas, Tamer Karadagli, Basak Köklükaya, Tassos Bandis, Markos Osse.
Género: Drama
Grécia, 2003



António Tabucchi

O Fio do Horizonte

Um livro da minha vida

RAQUEL MAGALHÃES

Cheguei ao fim, apeteceu-me recomeçar. Li este livro pela primeira vez há tanto tempo que não me lembrava da história. Reli-o e voltei a não me lembrar. É verdade que foi uma leitura várias vezes interrompida mas não terá sido por isso. É um livro pequeno, no entanto, parece que António Tabucchi o escreveu como quem olha para o horizonte. A narrativa desliza num fio percorrendo uma cidade italiana junto ao mar, sem sobressaltos e com a nostalgia de quem vê os navios zarparem do porto rumo a novos e longínquos destinos.

Tudo começa com a chegada de um cadáver de um desconhecido com o quem o médico legista estranhamente se identifica. Decide então investigar a razão da sua morte tomando para si um caso que nem chega a ser de polícia. Spino busca as pistas como que por intuição, segue o rasto lendo sinais obscuros e por isso nunca se adivinha por onde irá. Por outro lado, quanto mais parece aproximar-se mais se afasta do desfecho do mistério que procura deslindar. No desenrolar da história vamos conhecendo este médico solitário que vive um amor tardio e se vai encontrando à medida que procura o desconhecido.

Este romance propõe-nos a viagem que quase todos acabamos por fazer. Será uma indagação sobre o nexo das coisas. O fim é surpreendente, de alguma maneira sórdido e, no entanto, sarcástico como a vida acaba muitas vezes por ser. À margem uma nota do próprio autor que nos proporciona um momento de intimidade com aquele que escreveu dando vida ao que foi criado.

António Tabucchi é italiano e foi professor de literatura portuguesa em Génova. Vive em Portugal, é um estudioso da obra de Fernando Pessoa, crítico de literatura e escritor com várias obras publicadas em livro e algumas adaptadas ao cinema, como é o caso de O Fio do Horizonte, realizado por Fernando Lopes.



O Fio do Horizonte

António Tabucchi
Livros Quetzal,
2005



**35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



**PONTE SOBRE
O RIO ZAMBEZE,
MOÇAMBIQUE**